

Fátima na luz da Páscoa

1 a 4 de abril de 2021, Tríduo Pascal / Santuário de Fátima

SÁBADO SANTO

TERCEIRO ENCONTRO

Adeus, até ao Céu

1. Pórtico

Nestes dias de solidão que vivemos, chegamos ao dia da solidão maior da História, o dia em que Deus estava morto. Sábado Santo, tudo é silêncio que espera. O tempo parece suspenso da memória mortal da véspera e da expectativa de uma palavra que desencadeie de novo a vida. Nesta Páscoa interior a que o tempo que vivemos te chama vives, porventura como nunca, à espera, vives da espera. Estes dias de solidão terão um fim, a libertação chegará. Por agora, há que desejar e consentir que se passe no íntimo de ti o que se passou no íntimo da terra em que Jesus foi sepultado. Abre de novo a tua liberdade a Deus, porque é no segredo de ti que os trabalhos da passagem da morte à vida se desenrolam. É interior esta Páscoa em casa.

A luz de Fátima, na luz da Páscoa, pode ajudar-te. Fátima é sobre estes trabalhos da passagem da morte à vida, é sobre a descoberta de que a vida só se compreende justamente no horizonte da morte, porque é esta que introduz no horizonte da terra o céu. E sem céu a terra torna-se um lugar escuro.

Vais escutar a narrativa da morte do Francisco. Ele toma-te pela mão; deixa-te conduzir à certeza do céu. Deixa-te tocar pela sua certeza de criança – ia para o céu. Aprofunda a consciência de que o teu destino é o céu e consente que esta certeza ilumine de luz eterna o dia da tua morte. E esta luz passará através da fenda desse dia e iluminará desde já os teus dias todos. Oferece-lhes um sentido e oferece aos teus passos um destino.

Visitemos a morte do Francisco neste dia em que contemplamos Jesus morto à espera que ressuscite. No interior da terra em que está sepultado, ele transforma a terra abrindo-lhe o horizonte do céu. Vive esta Páscoa interior abrindo a tua vida à certeza do céu. É um modo de dizer o dom da Páscoa: abre-te o céu.

2. Leitura

Um membro do Conselho, chamado José, homem reto e justo, não tinha concordado com a decisão nem com o procedimento dos outros. Era natural de Arimateia, cidade da Judeia, e esperava o Reino de Deus. Foi ter com Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus. Descendo-o da cruz, envolveu-o num lençol e depositou-o num sepulcro talhado na rocha, onde ainda ninguém tinha sido sepultado. Era o dia da Preparação e já começava o sábado. Entretanto, as mulheres que tinham vindo com Ele da Galileia acompanharam José, observaram o túmulo e viram como o corpo de Jesus fora depositado. Ao regressar, prepararam aromas e perfumes; e, durante o sábado, observaram o descanso, conforme o preceito.

/ Lc 23,50-56

Já de noite, despedi-me dele. «Francisco, adeus! Se fores para o Céu esta noite, não te esqueças lá de mim, ouviste?» «Não te esqueço, não; fica descansada». E agarrando-me a mão direita, apertou-me com força, por um bom bocado, olhando para mim com as lágrimas nos olhos. «Queres mais alguma coisa?» – lhe perguntei, com as lágrimas a correr-me também já pelas faces. «Não» – me respondeu com voz sumida. Como a cena se estava a tornar demasiado comovedora, minha tia mandou-me sair do quarto. «Então adeus, Francisco! Até ao Céu!» «**Adeus, até ao Céu!...**» E o Céu aproximava-se. Para lá voou no dia seguinte, nos braços da Mãe celeste.

/ São Francisco Marto, *Memórias* de Lúcia

3. Meditação

«Adeus».

Oiço-te, Francisco, dizer adeus como quem diz: a-Deus.

A Deus o que é de Deus.

Pergunto-me: o que havemos de fazer agora que se cerrou a pedra do túmulo onde depositaram o corpo de Jesus? Jesus morreu. O seu corpo morto recebeu o tratamento adequado para a sepultura. Ele foi depositado num túmulo, fechado depois com uma grande pedra. E agora, Francisco? O que fazemos agora nós que acreditámos neste Cristo que ali está morto, fechado no escuro, silencioso? Incomoda-me este silêncio que tem o sabor a derrota. E incomoda-me que aquelas mulheres observem o descanso e que os discípulos se tenham deixado tomar pelo vazio e se preparem para retomar as suas vidas no ponto em que as tinham deixado antes de conhecer Jesus. Incomoda-me que o mundo todo não pare de escândalo e dor.

Em mim, faz-se o mesmo vazio dos discípulos, Francisco. Talvez por isso me incomode tanto a sua derrota. E faz-se silêncio. E os meus ouvidos têm dificuldade em ambientar-se ao que este grande silêncio me diz. Mas tu, Francisco, conheces o silêncio. E conheces a morte. E conheces o Deus frágil que assume a morte em silêncio.

Ensina-me o mapa do silêncio, Francisco.

Como o profeta Elias, tu também aprendeste o desconcerto de Deus no silêncio. Ao jeito dos discípulos, também Elias teve medo e não sabia o que fazer com o silêncio de Deus. Escondeu-se numa gruta. E quando a palavra de Deus lhe disse que saísse da gruta do seu esconderijo e subisse ao monte onde Deus iria passar, ele certamente esperava encontrar o Senhor dos Exércitos, agora sim capaz de derrotar e exterminar os filhos de Israel teimosamente infiéis à aliança. E, por isso, Elias terá estranhado que Deus não estivesse no vento impetuoso e violento, que fendia as montanhas e os rochedos, nem no tremor de terra que abalava as fundações, nem no fogo consumidor que destruíra tudo à sua passagem. Elias terá estranhado que Deus continuasse a ser silêncio.

E, então, no extremo do desconcerto, Elias sintonizou os ouvidos àquele silêncio e ali, no silêncio absoluto, reconheceu o rosto de Deus.

Ó Francisco, quantas vezes eu preferiria um Deus que escolhesse ser vendaval, terramoto ou fogo. Quantas vezes desejo um Deus que não deixe qualquer dúvida

sobre o que possa significar ser Deus. E perturba-me este Deus que me pede que oiça o som do silêncio absoluto. Perturba-me porque me desinstala. Porque escutar o silêncio significa dispor-me à relação com um Deus que não está ao serviço do que eu quero que ele seja. Significa que, antes de tudo, sou chamado a escutar.

Francisco, tu ouviste o som do silêncio, como Elias. E converteste-te, para os que te rodeiam, para o mundo todo, em silêncio de Deus. A tua vida é um breve silêncio de Deus que me ensina que a salvação oferecida por ele não é mais um ideal falhado. O teu amigo escondido disse-nos tudo o que tinha a dizer no silêncio estonteante da crucifixão e do sepulcro. Disse-nos, em silêncio, que Deus recusa salvar-nos pela violência. Recusa forçar-se à nossa liberdade. Recusa desrespeitar a nossa frágil condição. Recusa ser vendaval e terramoto e fogo, para que a vida seja frutífera. Não admira, Francisco, que tenhas desejado tanto abraçar a cruz no silêncio da tua vida.

Recordo que, no leito da tua agonia, a Lúcia perguntou-te se querias mais alguma coisa. Comove-me a tua resposta, Francisco. Faltou-te a voz, quando lhe disseste apenas: «Não». Tu ias morrer e não querias nada mais. Tu nunca quiseste nada mais, pois não, Francisco? Tudo o que querias estava ali a aproximar-se de ti e a tocar o teu desejo do Céu com uma força indelével. E esperaste. Em silêncio.

Não sei que mais fazer agora que se cerrou a pedra do túmulo onde depositaram o corpo de Jesus, senão silêncio. Afinal, Francisco, as mulheres que observaram o descanso sabiam o que faziam. Às vezes basta apenas descansar no silêncio em que habita Deus para compreendermos que o vazio, o silêncio, o desconcerto, o desconsolo, a derrota são ainda, no mistério da revelação, Palavra de Deus. O grande silêncio do túmulo fechado diz-nos o que disseste aos teus, na hora da tua morte: «Adeus, até ao Céu». A-Deus. A Deus o que é de Deus.

Francisco, ensina-me a escutar o grande silêncio com fé. Que as minhas entranhas se preencham deste grande silêncio e eu reconheça a face de Deus, do Deus morto, do Deus frágil, do Baixíssimo. Que eu não deseje mais do que descansar aí, como quem descobre um consolo inexplicável. Que eu não deseje mais do que a heresia de o consolar.

Ensina-me a dar a-Deus o que é de Deus.

«Adeus».

4. Contemplação

Neste quarto momento do terceiro encontro, é proposta a contemplação das estações XIII e XIV da Via-sacra no Caminho dos Pastorinhos, cujos painéis são obra de Maria Amélia Carvalheira da Silva, enquanto se escuta o hino *Stabat Mater*, cantado *a cappella*. O texto do hino encontra-se abaixo (no original latino e em tradução portuguesa). Sugerimos que esta experiência contemplativa seja enquadrada pela leitura histórico-artística e espiritual oferecida após o texto do *Stabat Mater*.

O vídeo está disponível em <https://youtu.be/xrJdL0lh7-Y> (clique na ligação).

/ Stabat Mater, hino (canto gregoriano a cappella)

/ Estações XIII e XIV da Via-sacra no Caminho dos Pastorinhos, de Maria Amélia Carvalheira da Silva

*Stabat mater dolorosa
juxta Crucem lacrimosa,
dum pendebat Filius.*

*Cuius animam gementem,
contristatam et dolentem
pertransivit gladius.*

*O quam tristis et afflicta
fuit illa benedicta,
mater Unigeniti!*

*Quae moerebat et dolebat,
pia Mater, dum videbat
nati poenas inclyti.*

*Quis est homo qui non fleret,
matrem Christi si videret
in tanto supplicio?*

*Quis non posset contristari
Christi Matrem contemplari
dolentem cum Filio?*

*Pro peccatis suae gentis
vidit Iesum in tormentis,
et flagellis subditum.*

Estava a Mãe dolorosa,
Junto da cruz lacrimosa,
Enquanto Jesus sofria.

A sua alma, trespassada
Por cruel e dura espada,
Mergulhava em agonia.

Oh! Quão triste e quão aflita
entre todas, Mãe bendita,
que só tinha aquele Filho.

Quanta angústia não sentia,
Mãe piedosa quando via
as penas do Filho seu!

Quem é que não choraria,
Contemplando a Mãe de Cristo,
Em tanto suplício?

Quem haverá que resista
se a Mãe assim se contrista
padecendo com seu Filho?

Por culpa de sua gente
Vira Jesus inocente
Ao flagelo submetido:

*Vidit suum dulcem Natum
moriendo desolatum,
dum emisit spiritum.*

*Eia, Mater, fons amoris
me sentire vim doloris
fac, ut tecum lugeam.*

*Fac, ut ardeat cor meum
in amando Christum Deum
ut sibi complaceam.*

*Sancta Mater, istud agas,
crucifixa fige plagas
cordi meo valide.*

*Tui Nati vulnerati,
tam dignati pro me pati,
poenas mecum divide.*

*Fac me tecum pie flere,
crucifixo condolere,
donec ego vixero.*

*Juxta Crucem tecum stare,
et me tibi sociare
in planctu desidero.*

*Virgo virginum praeclara,
mihi iam non sis amara,
fac me tecum plangere.*

*Fac, ut portem Christi mortem,
passionis fac consortem,
et plagas recolere.*

*Fac me plagis vulnerari,
fac me Cruce inebriari,
et cruore Filii.*

Vê agora o seu amado
pelo Pai abandonado,
entregando seu espírito.

Faz, ó Mãe, fonte de amor,
que eu sinta o espinho da dor
para contigo chorar.

Faz arder meu coração
do Cristo Deus na paixão
para que o possa agradecer.

Ó, Santa Mãe dá-me isto,
trazer as chagas de Cristo
gravadas no coração:

Do teu filho que por mim
entrega-se a morte assim,
divide as penas comigo.

Oh! Dá-me enquanto viver
com Cristo compadecer
chorando sempre contigo.

Junto à cruz eu quero estar
quero o meu pranto juntar
Às lágrimas que derramas.

Virgem, que às virgens aclara,
não sejas comigo avara
dá-me contigo chorar.

Traga em mim do Cristo a morte,
da Paixão seja consorte,
suas chagas celebrando.

Por elas seja eu rasgado,
pela cruz inebriado,
pelo sangue de teu Filho!

*Flammis ne urar succensus,
per te, Virgo, sim defensus
in die iudicii.*

*Christe, cum sit hinc exire,
da per Matrem me venire
ad palmam victoriae.*

*Quando corpus morietur,
fac, ut animae donetur
paradis gloria. Amen.*

No Julgamento consegue
que às chamas não seja entregue
quem por ti é defendido.

Quando do mundo eu partir
dai-me, ó Cristo, conseguir
por vossa Mãe a vitória.

Quando meu corpo morrer
possa a alma merecer
do Reino Celeste, a glória. Ámen.

Nesta sequência do séc. XIII, intitulada precisamente *Stabat Mater* – do latim, “Estava a Mãe (dolorosa)” –, contemplamos o sofrimento da Virgem Maria diante da crucificação de Jesus.

Em pleno Sábado Santo, sepultado o seu Filho, o seu Senhor e o seu Deus, Maria acompanha o silêncio da morte e do túmulo numa esperança provada pela dor. A luz da fé, que Maria guarda fielmente no coração – a mesma luz que em Fátima envolve a Senhora vinda do Céu e que, abertas as suas mãos, penetrou até ao íntimo o coração dos Pastorinhos –, fá-la esperar «um novo céu e uma nova terra» (Ap 21,1): «Eis que faço novas todas as coisas» (Ap 21,5), palavras que S. João põe profeticamente na boca de Cristo, no livro do Apocalipse. Diante da morte, da injustiça e da violência, Maria não cede à revolta e à condenação. Com Maria e no seu coração doloroso, encontramos consolação e fortaleza, descobrindo que todo o sofrimento – até o da morte – vivido na fé em Deus, cujo amor é recriador, é caminho para a glória, para uma nova aurora.

Diz-nos São Bernardo: «A morte de Jesus foi por amor, aquele amor que nenhum homem pode superar; o martírio de Maria teve a sua origem também no amor, ao qual, depois do de Cristo, nenhum outro amor se pode comparar»¹. O coração imaculado de Maria, trespassado pela dor, espera na confiança a hora de Deus; Maria espera pacientemente, misericordiosamente, ativamente a aurora dos desígnios de Deus para a humanidade.

¹ São Bernardo, abade, *Sermo in dom. infra oct. Assumptionis, 14-15: Opera omnia*, (Sec. XII), ed. Cisterc. 5 [1968], 273-274.

A brancura e a simplicidade dos traços, a serenidade e a contenção dos rostos das figuras dos baixos relevos da artista portuguesa Maria Amélia Carvalheira da Silva, que ilustram, no Caminho dos Pastorinhos, a cena da Pietà (Maria acolhendo o Filho morto nos braços) e a deposição de Cristo no túmulo, falam-nos do silêncio doloroso mas esperançoso desta hora e deste dia de Sábado Santo, enquanto esperamos na fé, com Maria, aparecida em Fátima, a certeza de um novo dia sem choro e sem fim. «Adeus, até ao Céu!», diz-nos Francisco.

5. Oração

Abbá, Pai terno e bom:

a Senhora que em Fátima te mostra presente
num tempo de ausência, negação e morte,
recordando que nas horas mais negras da humanidade
mais persistente ofereces a tua presença luminosa e salvífica,
apela-me a enfrentar os abismos da dor e da morte,
da ausência e da escuridão com renovada confiança,
reconhecendo-te no silêncio.

Unido ao amoroso dom de si de teu Filho,
desejo depositar confiadamente nas tuas mãos o meu espírito,
a minha vida e tudo quanto sou,
trilhando os passos da doação por amor sem temer o vazio:
tu estarás a acolher a minha entrega.

Deixando-me iluminar pela vida de São Francisco,
menino tomado pela beleza da tua presença silenciosa e escondida,
rogo-te que preenchas o meu íntimo
com a fecundidade da tua inabituação em mim,
dando sentido ao silêncio que me envolve
e que não há que temer, pois é ali que te encontro e me falas.

Que, assim preenchido, possa ver para além do túmulo
e tocar e atrair para ti quem se encontre paralisado pelo desalento.

Ámen. Sim, quero.

Textos

André Pereira

José Nuno Silva

Pedro Valinho Gomes

Sandra Bartolomeu, sns



SANTUÁRIO DE FÁTIMA
SHRINE OF FATIMA